

Alemanha e Japão, com medo do crescimento econômico.

Por Leonard Silk, do New York Times.

Será que o Japão e a Alemanha Ocidental, os países com os maiores superávits comerciais do mundo, estão fazendo tudo o que deveria para incentivar a expansão econômica internacional?

A resposta, com quase toda a certeza, é: "Não, ainda não". Mas o Japão está começando a fazer alguma coisa, e a Alemanha Ocidental provavelmente se sentirá obrigada a fazer algo, mais cedo ou mais tarde. Um novo sistema monetário parece estar surgindo: este sistema deverá ser uma versão elástica do sistema de Bretton Woods, que sofreu um colapso em 1971/73, quando os Estados Unidos abandonaram o padrão ouro e permitiram que o dólar encontrasse o seu próprio nível nos mercados externos de câmbio.

Os países parecem mais do que dispostos a agir na direção geral indicada por Bretton Woods. No entanto, uma importante diferença entre os sistemas que estão surgindo é que Bretton Woods parece ser uma necessidade de uma maior cooperação econômica.

O governo norte-americano acredita que, se Tóquio e Bonn não fizerem mais, o sistema monetário emergente poderá causar problemas, com os desequilíbrios comerciais persistindo, o crescimento estagnado e o problema da dívida se transformando numa crise.

Na terça-feira, o presidente Ronald Reagan mencionou o Japão e a Alemanha Ocidental nas suas críticas e insistiu enfaticamente que os países com grandes superávits comerciais devem ter "bom senso" para estimular suas economias sem causarem a volta da inflação.

Os dois países têm crescido bem mais lentamente do que acontecia no início do período do pós-guerra. O PNB do Japão, cujo crescimento anual foi de 5,8% entre 1969 e 1978, cresceu apenas 2,4% no ano passado e deverá, segundo os cálculos, crescer 3,2% este ano. O desempenho da Alemanha Ocidental tem sido ainda mais lento. Após alcançar a média anual de 3,5% entre 1969 e 1978, o índice alemão de crescimento caiu para 2,5% no ano passado e deverá ser de apenas 1,5% este ano.

Os dois países insistem em afirmar que estão fazendo tudo o que podem e que os seus índices de crescimento deverão melhorar no próximo ano. Os dois insistem em afirmar que não podem fazer mais do que estão fazendo, caso contrário agravariam a inflação.

O Japão se mostra menos doutrinário nesta questão; os alemães parecem não se terem recuperado inteiramente do trauma da inflação galopante registrada em 1923. Eles responsabilizam esta inflação pelo surgimento do nazismo.

Os japoneses têm-se mostrado mais sensíveis às pressões dos EUA do que os alemães-ocidentais. Satoshi Sumita, o governador do Banco do Japão, disse em Washington, quarta-feira, que a economia japonesa na verdade registrou um bom crescimento, de 4%, na demanda interna em 1986, mas que o "crescimento negativo na demanda externa" causado pela solidez do iene fez com que o índice geral de crescimento fosse de apenas 2,4%.

Sumita disse que, para garantir que a demanda interna continue em expansão, o Japão adotou medidas de emergência que incluíram o "aumento sem precedentes de US\$ 36 bilhões em obras públicas", além de cortes no Imposto de Renda.

Um tanto lenta

A Alemanha tem-se mostrado mais cautelosa. Karl Otto Pohl, o presidente do Bundesbank, o banco central alemão, observou na terça-feira que os cortes no Imposto de Renda, pessoa física deverão entrar em vigor no início do próximo ano. Como consequência, cerca de 14 bilhões de marcos (US\$ 7,7 bilhões) ou 0,7% do PNB deixarão de ser arrecadados, o que, segundo disse, deverá refletir-se num aumento significativo do déficit do setor público. Pohl observou que um alívio adicional de impostos líquidos, no valor de 20 bilhões de marcos, ou 1% do PNB, deverá ocorrer dentro do contexto de uma "ampla reforma fiscal, que será implementada em 1990". Mas a lentidão com que a Alemanha toma decisões tem sido crítica-

da não só pelo governo norte-americano mas também por uma vasta gama de economistas nos Estados Unidos.

A inflação continua baixa na Alemanha Ocidental e no Japão. Em 1986, os preços ao consumidor aumentaram apenas 0,6% no Japão e chegaram mesmo a diminuir 0,2% na Alemanha. Em 1987, segundo as previsões feitas pelo FMI, os preços ao consumidor deverão subir 0,3% no Japão e 0,6% na Alemanha. Isto significa que os dois países estão muito próximos de uma situação de estabilidade de preços. E também dá a impressão de que os riscos de uma inflação provocada pelos estímulos seriam pequenos nos dois países.

Mas, por motivos inflacionários, ambos se opõem a cortes fiscais ou a maiores gastos que aumentem o déficit orçamentário, que no Japão cresceu de 3,6% do PNB em 1986 para 4,1% este ano, como consequência do pacote de estímulos. Está hoje mais elevado que o déficit orçamentário dos Estados Unidos para 1987, calculado em 3,7% do PNB. A enorme poupança japonesa permite que este país financie facilmente o seu déficit orçamentário, ao passo que os Estados Unidos, com um baixo nível de poupança, são obrigados a levantar grandes empréstimos no Exterior.

Os alemães, que também possuem um elevado índice de poupança, têm um déficit orçamentário muito menor que o do Japão ou dos Estados Unidos em relação ao PNB. O déficit orçamentário alemão foi de 1,2% do PNB em 1986 e aumentou ligeiramente para 1,3% este ano, dando pouco estímulo adicional à economia. Com um índice tão baixo de crescimento, o desemprego persistiu em índices elevados: quase 9% na Alemanha.

O Japão e a Alemanha têm-se mantido fiéis aos seus superávits comerciais e às suas fortes posições em matéria de balança de pagamentos. O superávit japonês em conta corrente foi de Cz\$ 85,8 bilhões em 1986 e deverá atingir, segundo cálculos do FMI, Cz\$ 85,1 bilhões este ano, devendo cair apenas um pouco em 1988.